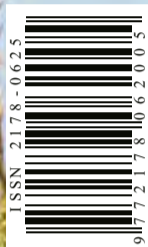


Revista **AgriMotor**

O agronegócio em destaque



O incômodo que o Brasil representa

A terceirização avança no agronegócio

OTIMISMO RENOVADO COM A AGRICULTURA BRASILEIRA

DIGITAL



GOLIN

**63 anos de expertise
fabricamos e transformamos
tubos em peças e conjuntos**

**Agrícola – Máquinas e Implementos
Automotiva - Leve e Pesado
Fora de Estrada**

**Unidade de Serviços
Peças e Conjuntos**

Processos de corte a laser, curvas, solda,
estampagem, pintura, fresa,
componentes e acessórios agregados

**Tubos Trefilados de Precisão
Especiais e Redondos**

**Perfilados Tubulares
Tubos Quadrados
e Retangulares**

**Tubos Industriais de
Aço Carbono com Costura**
Cordão de Solda Interno Removido (RR)
Cordão de Solda Interno Alto (RA)

Energia renovável - sistema fotovoltaico

Qualidade Golin
BR TUV CERT,
NBR ISO 9001 e ISO TS 16949



Fone (11) 2147-6500
portal@golin.com.br | www.golin.com.br

ATUALIDADES
Otimismo renovado



MEIO AMBIENTE
O incômodo que o Brasil representa



FUTURO
Como a tecnologia está transformando o
a relação no campo



4 EDITORIAL

6



12

PROJEÇÕES
Preços internacionais continuarão em
patamares elevados

20



24

RELAÇÕES HUMANAS
Terceirização avança no
agronegócio

28

34

DESTAQUES

Cortina de fumaça (ou poluição)!



HENRIQUE ISLIKER PÁTIA
EDITOR RESPONSÁVEL

O Brasil tem sido alvo de constantes ataques vindos principalmente das economias mais desenvolvidas, com relação a problemas de desmatamento da Amazônia, o “pulmão do mundo” e a outras nuvens de fumaça lançadas no horizonte que, na verdade, encobrem a realidade dos fatos.

Inexplicavelmente nada se fala das cidades de New York, Pequim (“Beijing”, para os puristas do mandarim) ou Paris, que são as metrópoles mais poluidoras do planeta. Há bem pouco tempo, alguns canais internacionais mostraram imagens da capital chinesa, registradas muito antes da pandemia da COVID-19, nas quais a população aparecia usando máscaras, apetrecho obrigatório por lá, uma vez que a poluição não permitia respirar de maneira saudável.

Para reflexão, no dia 28 de abril de 2010, uma reportagem assinada por Jeremy Hance – famoso e respeitadíssimo jornalista do portal de notícias ambientais Mongabay (leia a íntegra da matéria no link <https://brasil.mongabay.com/2010/04>) falava de um estudo publicado no periódico Proceedings of the National Academy of Science (PNAS) e realizado com o uso de imagens de satélites, afirmava que para a surpresa de muitos, entre 2000 e 2005, os Estados Unidos e o Canadá apresentaram taxas percentuais de desmatamento maiores até mesmo que o Brasil, quando levadas em conta suas áreas territoriais. Assim, no ranking dos sete países pesquisados (Rússia, Brasil, Estados Unidos, Canadá, Indonésia, China e República Democrática do Congo), os EUA apareciam em primeiro lugar, com 6% de áreas desmatadas, seguido pelo Canadá, com 5,2% e o Brasil, em terceiro, com 3,6% de perda da sua cobertura natural.

Ou seja, há algo estranho nessa história de culpar o Brasil por todos os problemas de poluição do mundo. Porém, descobrir a origem do “mistério” talvez não seja tão difícil assim: a real motivação pode ser explicada pela disparada da produção agrícola brasileira, que está sufocando os produtores de países que possuem muitos subsídios à sua produção, mas não conseguem competir com nossos produtos no mercado internacional. Após a criação da Embrapa, o Brasil vive um movimento contínuo de aumento de produtividade e de capacidade de aproveitamento dos espaços agricultáveis, o que, é claro, vem incomodando muita gente.

Em 2020, superamos a marca de produção 250 milhões de toneladas de grãos, exibindo a maior produtividade do mundo em toneladas por hectare. No período, foram exportados US\$ 100,81 bilhões, cravando um crescimento de 4,1% sobre o ano anterior.

Pegando um exemplo mais específico: em 2011, o Brasil produzia, aproximadamente, 72 milhões de toneladas de soja, enquanto os Estados Unidos, 90 milhões de toneladas. Em 2020, o Brasil produziu 124,8 milhões de toneladas, e os Estados Unidos 96,7 milhões de toneladas. Então, dá para perceber a preocupação?

Não somos, absolutamente, a favor do desmatamento ou das queimadas. Mas, ao contrário de alguns brasileiros que insistem em “jogar contra o próprio time” – ou, talvez, estejam mal informados –, entendemos que temos capacidade suficiente para sabermos o que é melhor para nós, brasileiros.

Acerca dessa questão, nesta edição da Revista AgriMotor apresentamos um artigo extremamente esclarecedor e com muitos detalhes sobre o assunto. E, em outras duas reportagens exclusivas, trazemos levantamentos e projeções feitas pela multinacional KPMG, e pela Divisão de Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que nos dão bem uma visão do futuro para o agronegócio em nosso país. E não paramos por aí: seguimos com artigos sobre tecnologia e sobre as novas regras da mão de obra no campo, trazendo, ainda, as notícias mais quentes do setor.

Com esse amplo conteúdo, esperamos colocar você, nosso leitor, a par e atualizado com o que de mais importante está acontecendo no agronegócio brasileiro.

Boa leitura!

Em 2020, superamos a marca de produção 250 milhões de toneladas de grãos, exibindo a maior produtividade do mundo em toneladas por hectare. No período, foram exportados US\$ 100,81 bilhões, cravando um crescimento de 4,1% sobre o ano anterior.

Pegando um exemplo mais específico: em 2011, o Brasil produzia, aproximadamente, 72 milhões de toneladas de soja, enquanto os Estados Unidos, 90 milhões de toneladas. Em 2020, o Brasil produziu 124,8 milhões de toneladas, e os Estados Unidos 96,7 milhões de toneladas. Então, dá para perceber a preocupação?

Não somos, absolutamente, a favor do desmatamento ou das queimadas. Mas, ao contrário de alguns brasileiros que insistem em “jogar contra o próprio time” – ou, talvez, estejam mal informados –, entendemos que temos capacidade suficiente para sabermos o que é melhor para nós, brasileiros.

Acerca dessa questão, nesta edição da Revista AgriMotor apresentamos um artigo extremamente esclarecedor e com muitos detalhes sobre o assunto. E, em outras duas reportagens exclusivas, trazemos levantamentos e projeções feitas pela multinacional KPMG, e pela Divisão de Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que nos dão bem uma visão do futuro para o agronegócio em nosso país. E não paramos por aí: seguimos com artigos sobre tecnologia e sobre as novas regras da mão de obra no campo, trazendo, ainda, as notícias mais quentes do setor.

Com esse amplo conteúdo, esperamos colocar você, nosso leitor, a par e atualizado com o que de mais importante está acontecendo no agronegócio brasileiro.

Boa leitura!

GRIPS
EDITORA

Ano 16 – nº 108 – Abril 2021

É uma publicação de propriedade da Grips Marketing e Negócios Ltda.com registro no INPI sob no 826584527.

Diretoria:

Henrique Isliker Pátia
Maria da Glória Bernardo Isliker
diretoria@grips.com.br

Coordenação de TI:

Versão Digital
Vicente Bernardo
vicente@grips.com.br

Coordenação jurídica:

Marcia V. Vinci - OAB/SP 132.556
mvvinci@adv.oabsp.org.br

Produção:

Editor Responsável
Henrique Isliker Pátia - MTb-SP 37.567

Reportagens Especiais

Marcus Frediani - MTb 13.953

Comercial:

henrique@grips.com.br
marcia@grips.com.br

Projeto Editorial:

Grips Editora

Projeto gráfico e Edição de Arte / DTP:

Ana Carolina Ermel de Araujo
Tadeu Sakagawa

Capa:

Criação: Tadeu Sakagawa

Foto: Divulgação Grips, Pixabay

Divulgação:

Através do site: www.agrimotor.com.br

Observações:

A opinião expressada em artigos técnicos ou pelos entrevistados são de sua total responsabilidade e não refletem necessariamente a opinião dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS:

Grips Marketing e Negócios Ltda.
Rua Cardeal Arcoverde 1745 – conj. 113 São Paulo/SP –
CEP 05407-002

Tel.: +55 11 3811-8822 - www.agrimotor.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou qualquer meio, sem prévia autorização.

Voltar para
o Índice de
Matérias

Freeimages

Otimismo Renovado

Escaldado e, por conta disso, mais bem preparado para vencer desafios, o agronegócio brasileiro continua firme na trilha das boas perspectivas.

Marcus Frediani

A pandemia do novo coronavírus trouxe mudanças no ambiente de negócios do setor no Brasil e no mundo. A busca pela segurança alimentar em um contexto de baixos estoques globais para uma série de commodities agrícolas em importantes importadores acelerou as exportações do agronegócio do país, cuja competitividade foi ampliada com a expressiva desvalorização cambial observada ao longo da pandemia.

De acordo com a KPMG – rede global de firmas independentes que prestam serviços profissionais de Audit, Tax e Advisory, presente em 154 países –, o setor registrou exportações recordes em 2020 e foi responsável por 48% das receitas de exportação do Brasil no ano, aumentando a participação da China nas vendas para 34%, versus 32% em 2019. A forte demanda global impulsionou as cotações em dólar de muitas commodities agrícolas, o que, somado à desvalorização cambial, se traduziu em preços



Foto: Ivan Bueno/APPA

O setor registrou exportações recordes em 2020, e foi responsável por 48% das receitas das vendas externas do Brasil ao longo do ano.

extremamente remuneradores para os produtores no Brasil. O agronegócio fechou com um aumento de renda da ordem de 24% em 2020, com PIB de R\$ 1,98 trilhão, sendo de 57% o aumento de renda registrado na agropecuária.

“Esse ambiente de negócios favorável ao agronegócio no Brasil acelerou algumas tendências que estavam em curso, entre as quais, a diversificação de fontes de capital, a consolidação de empresas em diferentes elos da cadeia agroalimentar e encurtamento da cadeia de valor. Para financiar o crescimento, muitas empresas buscaram alternativas no mercado de capitais, através da emissão de

dívida, em operações estruturadas de CRA e CRI, e, também, por meio de equity, via IPOs”, explica Giovana Araújo, sócia do setor de Agronegócio da KPMG.

Ainda segundo a executiva, a forte geração de caixa operacional permitiu que alguns grupos acelerassem estratégias de aquisição e consolidação do mercado, com destaque para as transações observadas no segmento de produção de grãos, no segmento de distribuição de insumos e no segmento de Açúcar & Etanol. “Algumas indústrias de produção de insumos avançaram em direção à vendas diretas para produtores finais, investindo em

centros de distribuição e lojas físicas, assim como, em canais digitais. E o movimento de encurtamento da cadeia também foi observado com produtores investindo na produção de fertilizantes”, sublinha.

Transformação digital

Embora plasmando toda uma série de desafios operacionais para a maior parte das empresas do agronegócio – desde aqueles relacionados à colheita até os de venda de produtos no mercado interno e externo, especialmente agudizados nos períodos mais duros de lockdown, impostos pelo governo para tentar

diminuir a disseminação da pandemia da COVID-19 no país –, fato é que estes foram sendo gradativa e eficientemente vencidos ao longo do tempo pelos players de toda a cadeia do setor. E talvez o lado positivo dessa história é que tais reptos aceleraram e tornaram imperativo o aperfeiçoamento dos processos das empresas por meio do crescente uso da tecnologia, notadamente daquela voltada à automação e à transformação digital dos negócios. Ato contínuo, a busca por tais ferramentas aumentou exponencialmente entre elas, equiparando à demanda por inovação.



Pexels

A busca por ferramentas inovadoras aumentou exponencialmente no agronegócio, equiparando-se à demanda por novas tecnologias, como vem acontecendo no caso dos drones.



Há luz no fim do túnel quando o assunto é o apetite do mercado financeiro pelo agronegócio brasileiro.

E, ao contrário do que muita gente pensa, a agricultura digital não é, absolutamente, algo “novo” no Brasil, e, sim, uma realidade que vem sendo construída de forma consistente por aqui ao longo das últimas duas décadas. E, o que é melhor, em ritmo de desenvolvimento e aperfeiçoamento constante, que já a alçaram a um estágio significativamente avançado.

“Atualmente, temos uma série de ferramentas digitais que processam dados e dão suporte aos produtores nas decisões agronômicas, com benefícios

comprovados para a produtividade e redução de custos. E novas e mais sofisticadas ferramentas digitais em desenvolvimento impulsionarão contínua eficiência no negócio agrícola, embora ainda existam gargalos para a ampliação do uso de tecnologias no campo, como é o caso da conectividade, que ainda é limitada”, pontua Giovana Araújo.

Futuro promissor

Tendo em vista que com a chegada da vacina, e com a manutenção dos índices de confiança do agronegócio

em patamares elevados, catapultando em direção a horizontes mais promissores a expectativa (ainda cautelosa e desafiadora, é verdade) de retomada da economia no período pós-pandemia, o sentimento do setor, vislumbrado através do prisma de análise da KPMG, revela-se bastante otimista. E sinais não faltam para isso.

“As perspectivas continuam positivas para o agronegócio brasileiro no curto e no médio prazos. A demanda da China e dos demais países asiáticos por produtos brasileiros, particularmente pelos grãos, deve continuar forte, sinalizando para contínuo crescimento das exportações do país. Portanto, o desafio do agronegócio brasileiro é de continuar crescendo, preservando rentabilidade, gerando sustentabilidade, e criando novos paradigmas de confiança com os consumidores,

"O desafio do agronegócio brasileiro é de continuar crescendo, preservando rentabilidade, gerando sustentabilidade, e criando novos paradigmas de confiança"

em um ambiente cada vez mais rigoroso em relação aos aspectos socioambientais e de governança”, destaca Giovana, da KPMG.

Segundo ela, também há luz no fim do túnel, quando o assunto é o apetite do mercado financeiro pelo agronegócio brasileiro. “Ele cresceu com a pandemia,

enquanto o setor mostrou, mais uma vez, a sua resiliência a crises, com sua forte vocação exportadora. Esse apetite pode ser observado tanto pelo desempenho de IPOs recentemente já realizadas por empresas do segmento quanto pela fila de outras caminhando na mesma direção. Com certeza, a participação de empresas do setor listadas em bolsa deve crescer substancialmente nos próximos anos”, registra a sócia do setor de Agronegócio da KPMG. 🚲



“As perspectivas continuam positivas para o agronegócio brasileiro no curto e no médio prazos”.

Giovana Araújo, sócia do setor de Agronegócio da KPMG.

Preços internacionais continuarão em patamares elevados

Roberto Betancourt, diretor titular do Departamento do Agronegócio da Fiesp, comenta os resultados do IC Agro 2020, recentemente divulgados pela entidade.

Marcus Frediani

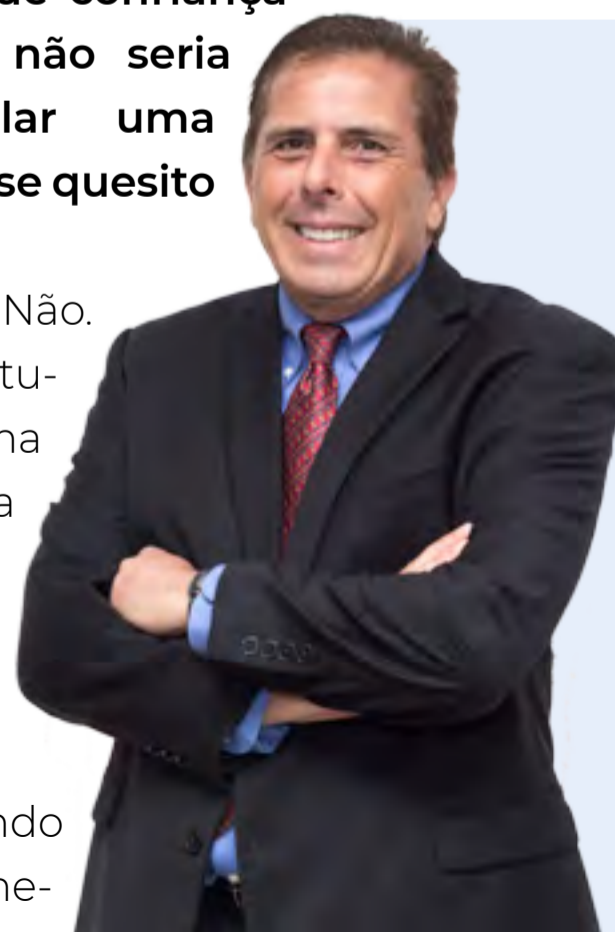
Recentemente divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o Índice de Confiança do Agronegócio (IC Agro), relativo ao ano de 2020, apresentou queda em todos os segmentos pesquisados. Mas, cada um, por seus próprios motivos. Os produtores agrícolas, por exemplo, foram influenciados diretamente pela irregularidade climática observada no fim do ano passado, que fez o plantio da safra de verão ser o mais atrasado da história. No caso das agroindústrias, para algumas o aspecto preponderante foi a desvalorização do real, enquanto para outras o aumento dos custos das rações pesou mais.

Contudo, registrando 121,4 pontos, os resultados do levantamento, produzido em parceria com a CropLife – associação que reúne especialistas, instituições e empresas que atuam na análise e desenvolvimento de tecnologias nas áreas essenciais para a

produção agrícola sustentável – foram comemorados pelo setor, uma vez que, pela terceira vez, o indicador fechou acima de 120 pontos ao longo de sua série histórica. Nesta entrevista exclusiva à Revista AgriMotor, Roberto Betancourt, diretor titular do Departamento do Agronegócio da Fiesp, explica, entre outras coisas, as razões desse otimismo. Confira!

Revista AgriMotor: Analisando os dados do IC Agro 2020, nota-se que, desta vez, não foi a avaliação sobre a economia brasileira que determinou a maior parte da variação do índice, diferentemente, portanto, do que se tornou comum nos últimos anos. Mesmo assim, o levantamento pontua que todos os segmentos pesquisados perderam algum grau de confiança no ano passado. Isso não seria suficiente para revelar uma tendência de queda desse quesito para 2021?

Roberto Betancourt: Não. Não podemos ver no atual recuo da confiança uma tendência de queda para este ano. Já existia uma expectativa de que houvesse uma retração no índice em relação ao terceiro trimestre de 2020, quando o indicador alcançou o me-



lhor resultado da série histórica. Mesmo assim, esta foi apenas a terceira vez que a confiança fechou acima de 120 pontos – as duas ocasiões anteriores foram no 3º trimestre do ano passado (127 pontos) e o 4º trimestre de 2019 (123,8 pontos).

O Índice de Confiança das Indústrias inseridas na cadeia produtiva do agronegócio caiu 6 pontos do terceiro para o quarto trimestre de 2020, fechando a 116,9. Quais foram os motivos que alimentaram essa queda?

Para responder essa pergunta, é preciso novamente ressaltar que o terceiro trimestre de 2020 registrou o maior índice também para as indústrias do agronegócio, com 122,9 pontos. Entre os dois elos

“O terceiro trimestre de 2020 registrou o maior índice também para as indústrias do agronegócio”

Roberto Betancourt, diretor titular do Departamento do Agronegócio da Fiesp.



Foto: Vinicius Rubenich Pereira

industriais do agronegócio (antes e depois da porteira), os motivos foram distintos. Nas indústrias de insumos agropecuários (antes da porteira), a queda foi de 9,1 pontos, resultado influenciado pela queda no ânimo do segmento de defensivos agrícolas, que não encontrou espaço para repassar ao mercado doméstico os aumentos de custos resultantes da desvalorização do real, da logística e das matérias-primas oriundas da China, entre outros motivos – como os altos estoques de produtos acumulados nas revendas. Já do lado do grupo das indústrias depois da porteira, que marcou queda de 4,7 pontos naquele período, as indústrias de alimentos concentraram o esfriamento do otimismo, devido principalmente aos altos preços da soja e do milho, que encarecem os custos

das rações e, conseqüentemente, os do boi gordo, o que diminuiu as margens dos frigoríficos. Por outro lado, o momento relativamente melhor para as indústrias de açúcar e etanol, tradings e empresas de logística no fim do ano passado amenizou a queda no índice de confiança desse grupo.

Considerando tudo isso que você mencionou, alguma luz brilha no fim desse túnel, principalmente no que diz respeito à perspectiva de retomada da economia brasileira e mundial no pós-COVID?

Bem, não é segredo para ninguém que o mundo ainda atravessa um momento de muita incerteza e instabilidade devido à pandemia. O funcionamento dos mercados

globalisofreuforteimpacto,gerandosérias distorções, como o aumento exponencial dos custos de produção, das mais diversas matérias-primas que abastecem o setor industrial. A forte e surpreendente recuperação econômica da China, pegou o mundo com os estoques baixos, levando inclusive a situações de escassez. Com os insumos agropecuários houve risco de desabastecimento, especialmente quando fornecidos pela China e Índia. No caso deste segundo país, por exemplo, a indústria chegou a trabalhar com somente 30% da capacidade. E neste momento em que a Índia vive um aumento exponencial de novos casos da COVID-19, há o receio de

que novas restrições à produção voltem a ocorrer,oquepodeafetarváriossegmentos, como o de defensivos agropecuários, entre outros. Porém, a despeito de todas as dificuldades, acreditamos que a oferta de vacinas aumentará de forma significativa no mundo, especialmente a partir do segundo semestre do ano, quando a situação tenderá a uma maior estabilidade, seja sob a óptica da saúde pública, seja sob o aspecto econômico.

O IC Agro 2020 revela também certo “esfriamento do otimismo” das indústrias de alimentos no pós-porteira, como você já citou, motivado pelos al-



SEJA UM INVESTIDOR SOCIAL, DECLARE SOLIDARIEDADE



QUEM PODE DOAR?



PESSOA FÍSICA

que apresente a Declaração de Imposto de Renda (DIRPF) no formulário completo, que apure imposto a pagar ou tenha direito a restituição.

Se houver imposto a pagar: Serão gerados dois DARF's: um para o Tesouro Nacional e outro para destinação. O valor destinado será abatido do que você deveria pagar de imposto.

Se tiver restituição: Será gerado apenas um DARF com o valor da destinação. O valor destinado será somado à sua restituição atualizado pela Taxa Selic.

Lembre-se: Em ambos os casos, o limite de 3% do imposto devido é calculado automaticamente pelo Programa Gerador do Imposto de Renda.

Importante: Você não pagará mais imposto nem terá sua restituição diminuída.

PESSOA JURÍDICA

desde que tributadas com base no lucro real, limitando-se a 1% do imposto devido. Seu contador saberá orientá-lo.



Destine parte do seu Imposto de Renda aos Projetos Socioeducativos do Larzinho via Fundo Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo – **CONDECA** (Incentivo Fiscal, Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90).

Projeto já aprovado pelo CONDECA:



“JiuJitsu como Prática de Educação, Cultura e Lazer, Certificado de Captação 305”.

COMO?



1) Na Declaração de IR, preencha a ficha "Doações diretamente na declaração", clicar na opção "NOVO", "ESTADUAL", selecione "SP" e preencha o campo "Valor", que deverá ser igual ou menor ao "Valor disponível para doação" indicado na tela. Para finalizar imprima selecionando a opção "Darf - doações diretamente na declaração - ECA".

2) Envie cópias dos comprovantes (DARF e de pagamento) e da carta de direcionamento para o CONDECA através do e-mail: condeca@sp.gov.br, com cópia para presidente@larzinho.org.br (o modelo da Carta se encontra no site www.larzinho.org.br)



Muito obrigado!

Dúvidas ou esclarecimentos?

11 97515-1401- Walter

11 99261-0506 - Nakazone

11 99772-0447- Antonio



Larzinho na rede

www.larzinho.org.br

tos custos da soja e do milho, sobre o qual, aliás, se fez uma piada nada engraçada de que “em 2020, o milho foi vendido a preço de soja, e a soja a preço de boi”. E, para piorar esse quadro, aparentemente, não há, pelo menos no curto prazo, tendência de queda nesses preços. Aliás, tanto o aumento do dólar quanto sinais como a estabilidade da Bolsa de Chicago, que determinaram ajustes nas cotações da soja no final do mês de março, apontam na direção contrária. Qual a sua aposta para os movimentos futuros nesse tabuleiro?

“O Crédito Rural foi, e seguirá sendo, um importante instrumento propulsor do agronegócio brasileiro.”

Tomando como referência a previsão para a safra global 2020/2021 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para os estoques finais de soja e milho, os números indicam volumes em queda e que, se confirmados, serão os menores desde meados de 2015 e 2016. Então, com base nesse prognóstico, sim, ao menos no curto prazo, podemos inferir que os preços internacionais seguirão sustentados em patamares elevados.

Questão relevante também para quem analisa o IC Agro 2020 é, sem dúvida, a ausência de grandes eventos significativos no âmbito do crédito, o que gerou

queda de confiança em relação a ele, provavelmente motivada pelo esgotamento de algumas linhas, como foi o caso do Moderfrota. Você enxerga a possibilidade de alguma guinada positiva no radar quando o tema é financiamento do agronegócio, o que poderia, eventualmente, gerar aumento dos índices de confiança nele?

O Crédito Rural foi, e seguirá sendo, um importante instrumento propulsor do agronegócio brasileiro. O que estamos presenciando é uma maior participação dos instrumentos de financiamento com juros livres e, nesse ce-

nário, a sinalização do governo e do Congresso na direção da responsabilidade fiscal é absolutamente vital, para que a taxa Selic não sofra uma apreciação que venha a impedir o desenvolvimento desta modalidade de crédito. Um cenário de aumento da inflação, seguido pela elevação da taxa de juros da economia, somada à situação fiscal do governo federal, pode ser altamente prejudicial à concessão de crédito, tanto público quanto privado. Não digo que este cenário seja o provável, mas ele começa a entrar no radar e, caso ameace se concretizar, passa a ter o potencial de derrubar, para longe, a confiança recorde que temos observado nos últimos levantamentos. 🚲

INVISTA NO AGRONEGÓCIO



DIVULGUE A SUA MARCA NO SEGMENTO ECONÔMICO ONDE OS NEGÓCIOS ACONTECEM

- O Agronegócio Brasileiro é o maior consumidor de produtos e serviços de todas as naturezas.
- Não fique fora deste imenso mercado.



Esteja conosco na próxima edição

Revista
AgriMotor
O agronegócio em destaque

www.agrimotor.com.br
diretoria@grips.com.br



O incômodo que o Brasil representa

O problema não é com o desmatamento, mas com crescimento de nossa agricultura que já incomoda (e muito) empresários do setor ao redor do mundo.

Ciro Rosolem*

O final de semana passado nos trouxe duas manchetes sensacionais - no sábado: "EUA cobram ação imediata do Brasil contra desmatamento"; e, no domingo: "Boom de commodities deve trazer de volta superávit nas contas externas após 14 anos".

Nós sabemos que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente, suas reservas naturais; temos o Código Florestal mais restritivo do mundo. O mundo também sabe. Mas, no jogo de gigantes, isso não tem sido lembrado. Fotos do desmatamento são mais impressionantes, independentemente de seu real significado nas emissões mundiais de carbono. Pouco se lê sobre as emissões de Pequim, Nova Iorque e Paris ou sobre as emissões das usinas termelétricas mundo afora. É que o foco real não é esse; e sim o incômodo econômico que o Brasil causa, principalmente nos

Estados Unidos e na Europa. Mais eficiência aqui, maior necessidade de subsídios lá.

Vamos lembrar de um documento um pouco antigo, publicado em 2011: Farms Here, Forests There: Tropical Deforestation and U.S. Competitiveness in Agriculture and Timber (Fazendas Aqui, Florestas Lá: Desmatamento Tropical e Competitividade na Agricultura e Atividade Florestal Americana. Trata-se de um relatório preparado por Shari Friedman, executiva ligada a organizações que se ocupam das mudanças climáticas. O documento foi financiado pela National Farmers Union (Associação Nacional de Fazendeiros) e pela ONG Avoided Deforestation Partners (Parceiros contra o Desmatamento). Encontrado em: <http://assets.usw.org/our-union/pulp-paper-forestry/farms-here-forests-there-report-5-26-10.pdf>.

Muito bem, já se falou muito deste documento publicado há dez anos. Mas está mais atual que nunca. Algumas das principais conclusões:

1. “Operações agrícolas ilegais e não sustentáveis estrangeiras estão destruindo as florestas tropicais, emitindo mais carbono que todos os carros, caminhões, tratores e equipamentos agrícolas combinados”. Trata-se de um evidente exagero. Não é verdade. A operação agrícola brasileira está longe de ilegal, e cada vez mais longe de insustentável.
2. “Os produtos agrícolas e florestais do desmatamento estão deprimindo os preços internacionais, prejudicando economicamente os produtores ame-

ricanos”. Vejam bem: nosso crescimento agrícola não ocorreu com desmatamento, outra conclusão errada do documento.

3. “A proteção das florestas úmidas tropicais através de políticas climáticas resultará em aumento de faturamento entre 196 e 267 bilhões de dólares para os agricultores americanos”. Entenderam??

Vamos agora pegar o exemplo da soja: em 2011, o Brasil produzia, aproximadamente, 72 milhões de toneladas e os Estados Unidos, aproximadamente, 90 milhões de toneladas. Em 2020, o Brasil produziu 124,8 milhões de toneladas, e os Estados Unidos 96,7 milhões de toneladas. Isso dá uma dimensão da preocupação, não só americana, mas de outros produtores com o crescimento da agricultura brasileira. Sem desmatar.

Ocorre ainda que os agricultores europeus, e principalmente os americanos, têm lobbies fortíssimos junto aos governos. Então, é necessário achar alguma coisa ruim no Brasil. Infelizmente temos tido



Foto: Noemi Pacheco

problemas com queimadas, por diversos motivos. Tem sido nosso calcanhar de Aquiles. Não interessa quanto de verdade tem na importância ou tamanho das queimadas, o problema real não é esse.

Então, vemos nossa soberania ameaçada, todos querendo “segurar” nossa agricultura por motivos disfarçadamente ambientais. Já tivemos barreiras sanitárias e outras. Hoje é ambiental.

Então, o problema é político, mas, principalmente de comunicação de massa. Ainda temos muitos brasileiros a serem convencidos da eficiência ambiental de nossa produção, mas isso não é suficiente. Essa comunicação também precisa ser exportada. Crescer dói, como dizia minha avó. 🌱

***Ciro Rosolem** é vice-Presidente de Comunicação do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS) e Professor Titular da Faculdade de Ciências Agrícolas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCA/Unesp Botucatu)



Foto: Divulgação



Foto: Itamar Aguiar Palácio



Terceirização avança no agronegócio

Advogado destaca benefícios, mas alerta para os cuidados que o produtor deve ter na contratação de empresa prestadora

George Augusto Mendes e Silva*

O agronegócio figura entre os segmentos do Brasil que mais cresceu no desenvolvimento de projetos de terceirização da Gi Group, multinacional especializada em soluções para o mercado de trabalho. O advogado George Augusto Mendes e Silva, do Lima Netto Carvalho Abreu Mayrink Sociedade de Advogados, vê a modalidade como positiva para o setor, uma vez que reduz custos, aumenta a oferta de empregos e diminui a informalidade, mas alerta para as precauções que o produtor deve ter ao decidir pela terceirização.

"É preciso cuidado na escolha e na fiscalização do cumprimento das obrigações trabalhistas da empresa contratada para prestação de serviços, de modo a mitigar eventuais riscos futuros. Nesse aspecto, a correta formalização do contrato firmado com a empresa prestadora de serviços, com a delimitação de direitos e obrigações, é de suma importância", orienta o advogado. George Mendes lembra que tal medida é imprescindível, uma vez que empresa con-

Voltar para o Índice de Matérias



tratante da mão de obra terceirizada é responsável subsidiariamente pelas obrigações trabalhistas referentes ao período de prestação dos serviços. "Isso significa que, em caso de descumprimento das obrigações por parte da prestadora de serviços (da terceirizada), a empresa tomadora poderá ser acionada pelo trabalhador que recorre à Justiça", alerta.

Chama atenção ainda para o fato de a legislação atual vedar à empresa tomadora a utilização dos trabalhadores em atividades distintas daquelas que foram objeto do contrato com a empresa prestadora de serviços, bem como determinar que ela deve garantir as condições de segurança, higiene e salubridade dos trabalhadores terceirizados, quando o

trabalho for realizado em suas dependências ou local previamente convencionado em contrato.

De acordo com George Mendes, a utilização da terceirização cresceu em todos os setores da economia, mas em especial no agronegócio, que sofreu profundas alterações na estrutura produtiva em virtude do aumento da demanda global por alimentos. A terceirização no campo foi intensificada após a edição da Lei da Terceirização (Lei n. 13.429/17) e das modificações introduzidas pela Lei da Reforma Trabalhista (Lei n. 13.467/17), que trouxeram maior segurança jurídica e clareza acerca do tema e permitiram a terceirização da atividade-fim da empresa. "Esse movimento ganhou ainda mais

força após o Supremo Tribunal Federal (STF) apreciar o RE 958.252 e a ADPF 324 no fim de 2018, decidindo pela licitude da terceirização irrestrita de qualquer tipo de atividade da empresa", lembra.

Ele cita vários benefícios da terceirização do trabalho no campo. Uma delas é a geração de maior racionalidade nos custos de produção. "O produtor, ao invés de investir na compra de maquinário agrícola para um uso que costuma ser extremamente sazonal e descontinuado, pode contratar uma empresa especializada para fazer a tarefa e apenas

cobrar o resultado", exemplifica George Mendes. A modalidade de contratação, segundo ele, também contribui para o aprimoramento tecnológico e a especialização dos serviços, além de aumentar a oferta de empregos e diminuir a informalidade. "Uma mesma empresa pode realizar serviços em inúmeras propriedades para diferentes tomadores de serviço, demandando a atividade dos profissionais por ela contratados durante todo ano, e não apenas durante os ciclos comuns de um determinado gênero agrícola", diz. 🚛



***George Augusto Mendes e Silva** é advogado Associado Sênior na Lima Netto Carvalho Abreu Mayrink Sociedade de Advogados. Mestre em Direito do Trabalho pela UFMG (mestrado concluído em 2017). <https://limanetto.adv.br/>



Como a tecnologia está transformando o agronegócio

Com o auxílio de drones, a Inteligência Artificial vem mudando o cenário do agronegócio. Após a captura das imagens é possível analisar as condições de cada planta e determinar se são plantas saudáveis ou doentes.

Alexandre de Alencar*

Presente em setores como saúde, varejo, educação e finanças, a Inteligência Artificial (IA) ocupa cada vez mais espaços na nossa sociedade, provocando grandes mudanças nos mercados por onde passa. Não é à toa que hoje o Brasil já conta com mais de 700 startups com aplicações nessa área, segundo estudo da plataforma de inovação Distrito. Agora é a vez do agronegócio. A tecnologia passou a impactar diretamente o campo há poucos anos, mas já causou avanços inimagináveis em termos de eficiência.

De forma resumida, podemos dizer que a IA é um campo das ciências da computação que busca criar soluções tecnológicas



com capacidade para realizar atividades de forma “inteligente”. Isso significa elaborar sistemas e máquinas que podem se assimilar à mente humana, raciocinando, aprendendo e tomando decisões.

Apesar do destaque recente, a tecnologia já vem se desenvolvendo desde 1955, quando o conceito de IA foi utilizado pela primeira vez pelo professor de matemática John McCarthy em uma universidade norte-americana. Nos últimos 65 anos, o tema foi pesquisado por milhares de pessoas, chegando finalmente em aplicações



que impactam nosso dia a dia, como no comércio eletrônico, nas buscas da internet e nos streamings de vídeo.

Mas como essa tecnologia se relaciona com a agricultura? De que forma ela vem revolucionando o campo?

Diagnósticos e previsibilidade

Uma das principais aplicações da Inteligência Artificial no agronegócio acontece na parte de diagnósticos e previsibilidade.

Com o avanço da mecanização, muitas usinas e fazendas já estão com um grau adiantado de automação do maquinário agrícola. Nesse cenário, foi possível instalar uma série de sensores que

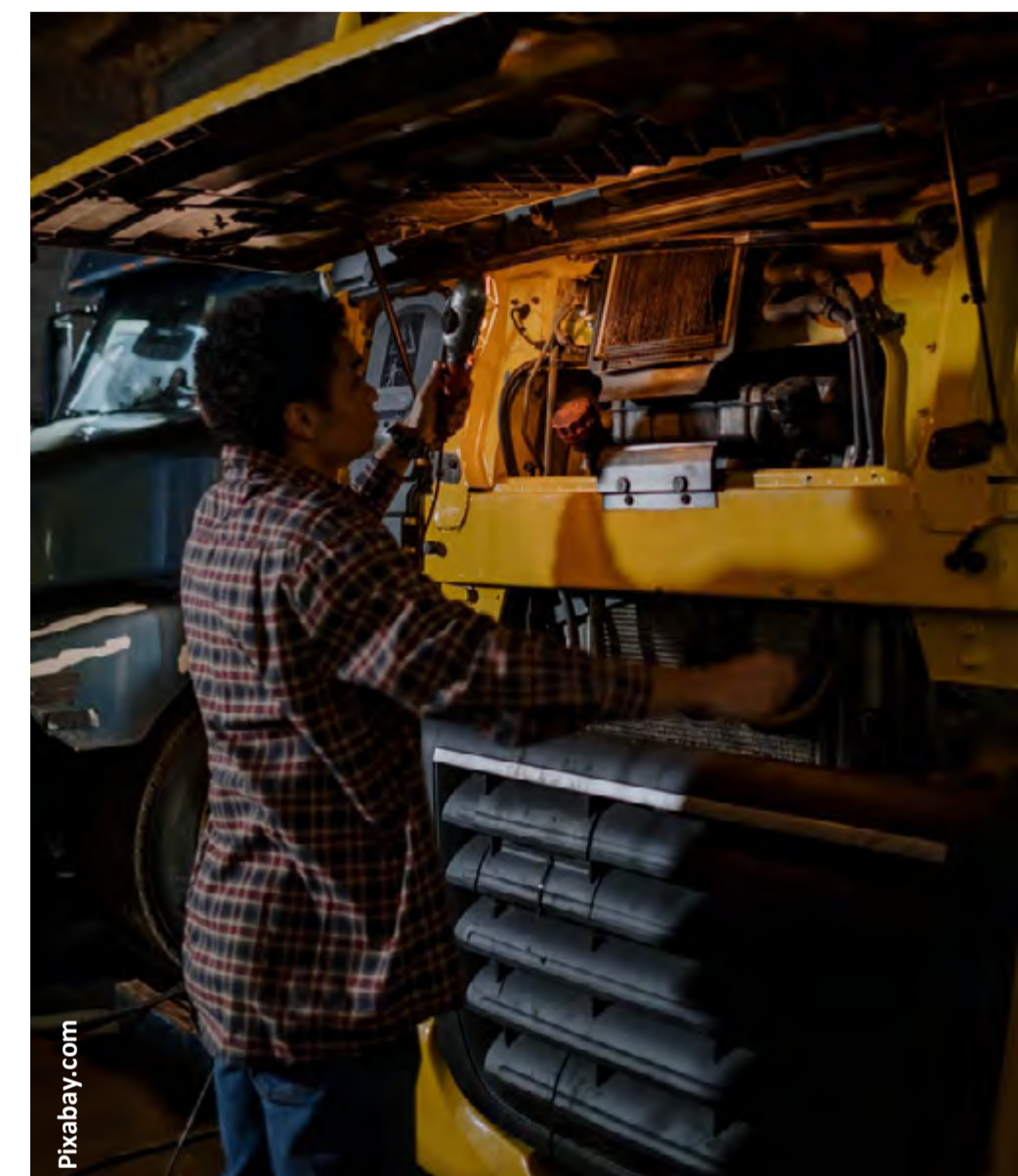
passaram a registrar as atividades desses equipamentos segundo a segundo, recolhendo centenas de informações sobre as operações realizadas - desde as mais simples, como velocidade da máquina e nível do combustível, até as mais complexas, como pressão hidráulica e acionamento de implementos.

A tecnologia de IA atua tratando esses dados recebidos na nuvem, projetando cenários, antecipando situações indesejáveis e fazendo recomendações em tempo real. Alguns exemplos de ações comuns são o aviso do momento ideal para realização de uma manutenção no equipamento e a escolha de rotas e movimentos mais eficientes para execução das operações. O objetivo é sempre evitar desperdícios, promover economias e otimizar a produtividade.

Análise de imagens para detecção de problemas

Identificar uma doença ou uma praga em uma planta é algo relativamente fácil para um agrônomo experiente. No entanto, em se tratando de áreas muito extensas, como as plantações de cana-de-açúcar ou de florestas, não existem especialistas suficientes para a identificação manual desses problemas de forma ágil.

Com o auxílio de drones, a Inteligência Artificial vem mudando esse cenário.



Os equipamentos, com capacidade de captura de imagens de altíssima precisão, sobrevoam as grandes culturas diariamente. A tecnologia da IA, por sua vez, permite cruzar as imagens coletadas com imagens de plantas saudáveis ou doentes, analisando as condições de cada planta.

Assim, são emitidos relatórios que identificam possíveis ameaças, plantas daninhas, doenças fúngicas e até mesmo deficiências nutricionais, mostrando exatamente em que pontos da plantação estão os problemas.

Avaliação dos fenômenos climáticos

A tradicional previsão do tempo que nos ajuda a programar o dia a dia é insuficiente para a realidade da agricultura. Para o sucesso da produção, os gestores agrícolas precisam estar atentos a detalhes relacionados a temperatura, incidência solar, chuva, vento e outros fenômenos climáticos.

Nos últimos anos, a precisão dessas medições teve um grande crescimento graças à IA, que consegue analisar dados locais das propriedades em tempo real, produzindo informações mais seguras e confiáveis.

Dessa forma, a tomada de decisões com relação ao período de cultivo, à irrigação e ao uso de fertilizantes e herbicidas, por exemplo, fica muito mais simples e certa.

Veículos autônomos

Assim como hoje já temos carros capazes de trafegar sem motorista, em breve essa realidade também chegará ao campo.

Atualmente, existem veículos com piloto automático e protótipos de máquinas com “autodireção” que precisam da IA para não cometer erros ou



gerar acidentes. Porém, com o avanço da tecnologia, além da popularização desse tipo de máquina, logo teremos tratores e colhedoras capazes de atuar com recursos ainda mais inovadores.

Essas máquinas poderão, por exemplo, dosar a quantidade ideal de defensivo a ser aplicado em uma área, identificar plantas prontas para a colheita ou que precisam de descarte, e até mudar de rota quando houver alguma interferência externa, como um obstáculo não mapeado. Tudo isso por conta própria, sem nenhuma intervenção humana.

O futuro da IA no agronegócio

Sem dúvida, o impacto da Inteligência Artificial no campo já é grandioso, mas as expectativas são de que o processo

se acelere e traga cada vez mais resultados, transformando todas as etapas das operações agrícolas com as suas inovações.

É claro que ainda existem desafios a serem superados. O principal deles é a conexão no campo, que, no Brasil, ainda tem um percentual bem baixo quando comparado à realidade dos



Foto: Divulgação

Estados Unidos e da Europa, por exemplo.

Além disso, não podemos esquecer da quantidade de incertezas que envolvem o ambiente rural, com imprevistos naturais que ainda fogem do nosso controle. Porém, quanto mais experiência prática as máquinas e sistemas de IA obtiverem, maior será a sua base de dados e a capacidade de aprendizado, o que per-

mitirá um melhor entendimento do campo e das suas necessidades.

Os players nacionais que queiram se manter à frente do mercado agrícola e florestal precisarão estar atentos a essas novidades, investindo em fornecedores de tecnologia e na capacitação de suas equipes. Afinal, o futuro será marcado por um campo cada vez mais digital, tendo a IA como uma das grandes protagonistas da inovação. 🚀

***Alexandre de Alencar** é diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da divisão de Agricultura da Hexagon.
e-mail: agriculture@hexagon.com



Foto: Divulgação

Novos cursos da Embrapa

A Embrapa lançou um pacote com 13 novos cursos voltados ao público urbano e ao setor produtivo. As inscrições gratuitas estarão abertas na plataforma e-Campo, como parte das atividades alusivas aos 48 anos da empresa. Entre as novidades estão as capacitações em Plantas aromáticas e condimentares: identificação e cultivo, Aquaponia residencial e Produção e tecnologia de sementes e mudas.

Além dos novos cursos, a Embrapa mantém abertas as inscrições para as capacitações mais procuradas no ano passado como Meliponicultura urbana: abelhas sem ferão, em versão reformulada para produção de mel em prédios, e Hortas em pequenos espaços. No primeiro ano de pandemia, em pouco mais de dois meses, a procura pelos cursos online gratuitos oferecidos pela Embrapa superou a marca das 170 mil inscrições. No total, a empresa coloca à disposição dos interessados um total de 43 cursos com inscrições abertas, todos com certificados de participação.

Fonte: imprensa@embrapa.br



Pesquisa de inovação aberta

A nanoemulsão de cera de carnaúba, usada para conservação de frutas, vem despertando o interesse de setores produtivos de países da América Latina e da Europa. E já está nos planos de uma multinacional alemã para desembarcar na Ásia.

Desenvolvida dentro do ecossistema de inovação da Embrapa Instrumentação (São Carlos/SP), em parceria com a QGP/Tanquímica – empresa com sede em Laranjal Paulista/SP, e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a tecnologia está sendo adotada como uma alternativa às ceras convencionais. A nanoemulsão mantém as propriedades sensoriais do fruto, reduz a perda de massa, proporciona maior brilho, preserva a qualidade e prolonga, em média, em 15 dias a vida.

Para o pesquisador da Embrapa Instrumentação Marcos David Ferreira, somente foi possível em curto espaço de tempo devido à integração de uma equipe multidisciplinar, operando por meio de parceria público-privada, em inovação aberta.

Fonte: imprensa@embrapa.br



Reflorestamento da Nova Tamoios

A PlantVerd, startup que opera na execução de serviços ambientais para a recuperação de áreas degradadas em todo o Brasil, finalizou o processo de reflorestamento da rodovia Nova Tamoios, no trecho que liga a região do Vale do Paraíba ao Litoral Norte. Ao todo, foram aproximadamente 430,21 hectares de plantios de vegetação nativa da Mata Atlântica, além do combate



e manejo de 124 hectares de espécies exóticas, um dos maiores projetos de restauração florestal para recuperação de áreas degradadas já feitas no estado de São Paulo. Entre as principais espécies plantadas está o pau-marfim (*Balfourodendron riedelianum*), o jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*), o cambuci (*Campomanesia phaea*), o ipê-felpuldo, (*Zeyheria tuberculosa*), entre outras.

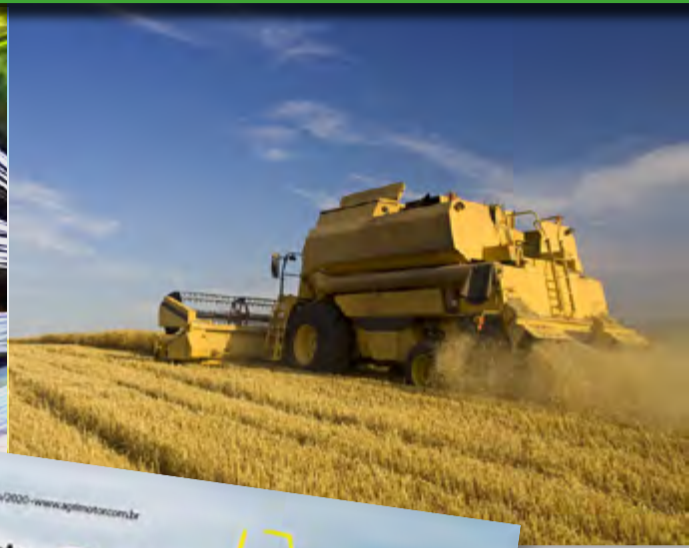
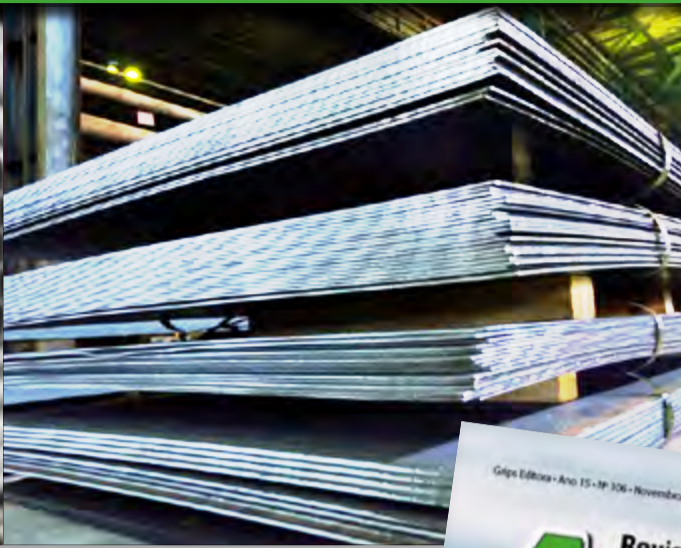
Segundo Antonio Borges, diretor executivo da PlantVerd Serviços Florestais, a empresa conseguiu recompor e compensar a supressão de árvores nativas que foi necessária para realizar a obra da estrada. “O plantio compensatório da Nova Tamoios visa acelerar o processo de sucessão natural e proteger rapidamente o solo contra a erosão principalmente no trecho de Planalto e Serra do Mar, além dos serviços ambientais, especialmente na proteção de cursos d’água”, estabilidade climática, aumento da biodiversidade e combate à desertificação”, pontua.

Fonte: isabela.treza@maindi.com.br

ANUNCIANTES

Metalúrgica Golin	2ª Capa
Grips Editora	3ª Capa
LARZINHO - Casa Jesus. Amor e Caridade	17
Revista AgriMotor	19

SUA MARCA NO AGRONEGÓCIO



Você ainda não fornece produtos e serviços para o agronegócio?

Fale diretamente para quem decide e aumente a sua possibilidade de novas vendas.



Anuncie nos mais eficientes canais de comunicação

Portal Agrimotor

Revista Agrimotor

www.agrimotor.com.br

Consulte-nos e surpreenda-se.

Revista **AgriMotor**

diretoria@grips.com.br

Fones: (11) 3811-8822 e (11) 9 9633-6164